

**DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM: METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM DA EEEFM
PROFESSORA REGINA BANHOS PAIXÃO, LINHARES - ES**

Diane Elias Rocha e Silva

Professora Efetiva Estadual - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof.^a Regina Banhos Paixão – Linhares/ES

<http://lattes.cnpq.br/4521404217162135>

<https://orcid.org/0000-0002-5985-8381>

E-mail: dianeeliasrochaesilva@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-12>

RESUMO: Esta pesquisa é uma análise sobre a prática de ensino dos professores da EEEFM Professora Regina Banhos Paixão, referente às variações linguísticas. Pois que se a língua é mutável no tempo e no espaço, há no meio social diversas formas de se falar o português. E a escola não pode restringir-se ao ensino padrão da norma culta da Língua Portuguesa, apesar de possuir o dever de instruir como sendo a correta. Assim que, pensando a escola enquanto indutora dos processos cognitivos e da imaginação criadora dos alunos questiona-se quais são os métodos de ensino utilizados pelos professores da escola EEEFM Professora Regina Banhos Paixão no processo de reconhecimento e respeito à diversidade linguística brasileira? Posto que o estudo da variação linguística seja feito geralmente nas aulas de linguística. No entanto, muitas vezes essa realidade é deixada de lado no contexto da sala de aula, pelos professores de Língua Portuguesa da educação básica. A pesquisa foi realizada através de estudo bibliográfico e pesquisa de campo, tendo utilizado um questionário como instrumento de coleta de dados. A mesma revelou que os professores da instituição pesquisada não negam a existência de variações linguísticas, pois, o ensino da língua ainda deve romper as barreiras com dogmas normativos, que ainda dominam a maneira de se ensinar a Língua Portuguesa. No entanto, esse é um desafio da escola, uma vez que a instituição auxilia o professor na aplicação dos paradigmas didático-metodológicos já estabelecidos, os quais não mais respondem satisfatoriamente às necessidades de aquisição e desenvolvimento do conhecimento linguístico socialmente valorizado.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Professores. Sociolinguística. Códigos de Linguagem.

**LINGUISTIC DIVERSITY IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS:
LEARNING METHODOLOGIES FROM EEEFM PROFESSORA REGINA
BANHOS PAIXÃO, LINHARES - ES.**

ABSTRACT: This research is an analysis of the teaching practice of EEEFM teachers Professor Regina Banhos Paixão, regarding linguistic variations. Because if the language is changeable in time and space, there are different ways of speaking Portuguese in the social environment. And the school cannot be restricted to the standard teaching of the cultured norm of the Portuguese language, despite having the duty to instruct as being the correct one. So, thinking about the school as an inducer of the students' cognitive processes and creative imagination, it is questioned what are the teaching methods used by the teachers of the EEEFM school Professor Regina Banhos Paixão in the process of

recognition and respect for the Brazilian linguistic diversity? Since the study of linguistic variation is usually done in linguistics classes, however, it is often left out in the context of the classroom, by Portuguese language teachers in basic education. The research, carried out through bibliographic study and field research, using a questionnaire as an instrument of data collection, revealed that the teachers of the researched institution do not deny the existence of linguistic variations, since the teaching of the language must still break the barriers with normative dogmas that still dominate the way of teaching the Portuguese language. However, this is a challenge for the school, since the institution assists the teacher in the application of the already established didactic-methodological paradigms, which no longer satisfactorily respond to the needs of acquiring and developing socially valued linguistic knowledge.

KEYWORDS: Education. Teachers. Sociolinguistics. Language codes.

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa não se apresenta de maneira uniforme e homogênea pelos diferentes pontos do Brasil. Nesse aspecto, as questões de linguística é tema de muita reflexão acadêmica. Este estudo propõe investigar como a variedade linguística é trabalhada pelos professores que ministram a disciplina Língua Portuguesa que atuam nos anos finais Ensino Fundamental na EEEFM Professora Regina Banhos Paixão.

A variação linguística é constitutiva das línguas humanas e ocorre em todos os níveis. Conforme a abordagem de Silva e Estevam (2009, p. 10) a “variedade linguística é um processo de criação de palavras para termos específicos, dentro dela existem os sociodialetoles que são os falares que a sociedade utiliza na comunicação”. E, na visão dos autores supracitados, o respeito linguístico de cada um é constituído pela própria interação social. Fica evidente que a língua sempre existiu e sempre existirá livre de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” fala-se de uma unidade que se constitui de muitas variantes. A imagem de uma língua única, próxima da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua (Brasil, 1997).

Garcia-Reis et. al. (2008, p. 4-5) preconizam que:

As variações presentes na forma de falar e escrever das pessoas são determinadas por diversos fatores. Um deles é o regional, ou seja, pessoas de diferentes regiões podem apresentar diferenças de pronúncia ou de vocabulário e, às vezes, até mesmo articular as palavras de modo

diferente (variação regional ou geográfica). Mas o modo de falar de pessoas residentes em uma mesma localidade também pode variar de acordo com sua escolaridade, sexo, idade, profissão, raça (variação social). Além disso, uma mesma pessoa também apresenta variações em seu modo de se expressar, dependendo do seu interlocutor, do assunto da conversa ou do lugar em que se encontra (variação individual).

A sociedade brasileira, de modo geral, é marcadamente fundada de pluralidades e diversidades, principalmente no que tange a diversidade linguística. Entretanto, esta característica ainda é pouco apreciada nos currículos escolares. Uma mudança de atitude quanto a esta problemática passa, necessariamente, pela formação de professores e pelo estudo sistemático e científico da temática (Pessoa, 2009).

Bagno (1999) apud Melo et. al. (2012), afirma que a educação linguística põe em relevo a necessidade de que deve ser respeitado o saber linguístico prévio de cada sujeito. Garantindo-lhe o respeito a sua identidade linguística no ato da interação social sem, contudo, negar-lhe o direito de acesso às outras variantes linguísticas, principalmente à variante padrão, também chamada de norma padrão. Tal também deve ser ensinada pelas escolas. Os comportamentos linguísticos da classe ditam “opressora” e “dominante”, na perspectiva do ensino das variações linguísticas e do respeito à diversidade linguística, não devem ser considerados uma vez que todas as variantes têm seu valor e seu lugar no uso da língua. Vale frisar que as múltiplas variações representam a identidade social, histórica, cultural e regional de cada sujeito.

Matos (2004, p. 27) reafirma o citado acima quando diz:

[...] quanto mais a escola valorizar, apoiar e desenvolver as línguas e as culturas dos grupos minoritários, particularmente daqueles que se encontram mais marginalizados socialmente, melhor será a sua integração escolar e mais fácil se tornará a aprendizagem da Língua Portuguesa.

A gramática tradicional desvale os fenômenos da língua oral e considera a língua literária como a única forma de manifestação linguística que faz jus a ser estudada. A escola deve valorizar as duas formas linguísticas, tanto a escrita quanto a oral, elas são igualmente importantes dentro da nossa sociedade. Elas são diferentes apenas quanto a sua aplicabilidade e aceitabilidade no contexto social (Garcia-Reis, 2008). Nesse contexto, o estudo revela que a escola, ao assumir-se como espaço de integração e gestão da diversidade sociocultural, deve igualmente promover a prevenção do fenômeno do

preconceito linguístico institucional que abarca certas instituições sem que nenhum dos seus membros o assuma pessoalmente de modo explícito e consciente. Sabemos que o preconceito linguístico, como todos os outros, é socialmente edificado e apenas oculto a outros preconceitos: sociais, culturais, étnicos, religiosos etc., o que se torna extremamente ofensivo e violento, pois exclui o ser humano das suas possibilidades de uma melhor qualidade de vida.

Tamanha variedade abre margem para a discriminação e o preconceito, como ressalta Melo et al. (2012):

[...] ensinar o respeito às variantes linguísticas e aos seus usuários é ensinar que a língua ultrapassa as fronteiras das regras gramaticais, desvendando preconceitos estigmatizados na sociedade e abordando as diferenças dialetais, de classe social, de idade, de sexo, de variação histórica, de variações de registro e ainda a necessidade de o falante utilizar mais de uma variante linguística dependendo dos contextos situacionais que se lhes apresentem.

O texto destaca que o preconceito linguístico nega às pessoas e aos povos o direito de se expressarem livremente e de terem reconhecida a diversidade linguístico-cultural, sendo a educação linguística um tema central nas discussões sociais contemporâneas. Nesse contexto, os cursos de Formação de Professores, especialmente de Língua Portuguesa, têm papel fundamental, pois a escola é vista como espaço estratégico para o desenvolvimento social, cultural, político e econômico, além da formação cidadã. A escolha do tema decorre do interesse em compreender como a diversidade linguística é trabalhada em sala de aula, considerando que muitos docentes enfrentam dificuldades para abordar essa questão, sobretudo no combate ao preconceito linguístico entre adolescentes, que frequentemente utilizam as diferenças de fala e escrita como instrumento de discriminação e bullying.

A Língua Portuguesa padrão é reconhecida como meio oficial de comunicação no país, porém as variedades regionais que a constituem devem ser valorizadas por integrarem o contexto histórico, linguístico e cultural do Brasil. A falta de conhecimento sobre essas variações pode gerar problemas sociais, especialmente no ambiente escolar, que é um dos principais espaços de formação humana. Diante disso, torna-se necessária a análise da diversidade linguística no cotidiano e, sobretudo, na escola, com o objetivo de propor ações que minimizem os conflitos decorrentes das diferenças linguísticas, tendo

como foco os métodos de ensino adotados pela EEEFM Professora Regina Banhos Paixão no reconhecimento e respeito à diversidade linguística brasileira.

Parte-se do pressuposto de que os professores de Língua Portuguesa desenvolvem atividades relacionadas à diversidade linguística na linguagem oral e escrita, sem a intenção de julgar a correção das metodologias utilizadas, mas de enfatizar a relevância do estudo da variação linguística em sala de aula. Embora esse tema seja frequentemente tratado nas aulas de linguística, ele ainda é pouco explorado na educação básica, o que suscita reflexões sobre o papel do professor como mediador da Língua Portuguesa e de suas múltiplas variações no contexto escolar.

Reafirma-se a relevância do tema ao considerar a formação do professor de Língua Portuguesa como elemento fundamental para a valorização da diversidade linguística no Brasil, promovendo maior autonomia dos estudantes na construção e aplicação dos saberes no cotidiano. Nesse sentido, destaca-se a relação entre os conhecimentos teóricos do docente e sua prática pedagógica, com vistas a assegurar um ensino de qualidade, igualitário e respeitoso às especificidades dos alunos, tendo como objetivo central descrever os métodos de ensino adotados pelos professores de Língua Portuguesa da EEEFM Professora Regina Banhos Paixão no reconhecimento e valorização da diversidade linguística.

COMUNICAÇÃO E SOCIOLINGUÍSTICA

COMUNICAÇÕES: NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

A educação é um dos alicerces da vida social. A partir dela, a cultura é repassada mais amplamente e novos conceitos surgem gerando uma melhora na qualidade do ensino. No âmbito do processo de aprendizagem, a comunicação tem um papel fundamental. Entretanto, muitos alunos têm dificuldades de aprender os rudimentos da língua, devido à complexidade dela em sua norma culta.

Segundo Brunetta e Ribeiro (2009, p. 2) sempre que se inicia uma discussão sobre comunicação, logo se aproxima do conceito de informação, que engloba a evolução dos meios de comunicação de massa e as tecnologias da informação. No entanto, o processo de comunicação vai muito além, “ele é o responsável pela condição social de todo ser

humano”, pois é por meio da comunicação que os valores e as metas da organização são disseminados.

Conforme Chiavenato (2004) as instituições de ensino são formadas por pessoas e delas dependem para sua manutenção e existência. E a relação que se estabelece entre os indivíduos que se inserem no ambiente é, também, a estrutura da empresa. Por isso, “sabemos que o processo de comunicação é de suma importância para as pessoas, para as relações interpessoais e, portanto, para as organizações” (Baccaro, 2009, p. 59).

A comunicação é definida por Brunetta e Ribeiro (2009) como um ato que acontece na organização e que implica interação social, troca de mensagens, emissão e recebimento de informação, sendo um processo natural da organização, onde acontece a disseminação de informação e cultura organizacional. Portanto, a comunicação é imprescindível às organizações, pois somente por meio da troca de informações entre os colaboradores, é que se pode organizar os setores, fazerem escolhas e guiar a instituição.

Sendo a comunicação definida por Brunetta e Ribeiro (2009) como o processo de transmissão de informação de uma pessoa para outra dentro das organizações, é um processo bem complexo, que requer uma equipe gestora capaz de inovar, de ouvir os envolvidos e de liderar.

Para Chiavenato (2000) apud Brunetta e Ribeiro (2009) a comunicação se constitui como um processo fundamental da experiência humana e da organização social. Dentro das escolas e na sociedade, a gestão estratégica da comunicação, tornou-se fundamental para acompanhar a evolução social. Por isso, quando se propõe uma estratégia, tem-se um plano que orienta a organização para um determinado fim, nesse caso a orientação de como utilizar os recursos tecnológicos na escola. Essa estratégia, leva em conta o contexto e os recursos disponíveis para execução desses ou daquele planejamento estratégico.

Segundo Schuler (2004), atualmente, estamos inseridos em um cenário vantajoso, pois as alternativas são cada vez mais frequentes e ampliam o leque de possibilidades de inovações. É um quadro flexível que permite a escolha da comunicação mais adequada para o fim que se pretende chegar.

Nesse sentido, estamos inseridos em um mundo de oportunidades que permitem

uma ampla visão antes que se faça uma escolha. Administrar estrategicamente não requer apenas observações a um seguimento da organização, mas a um todo, visão fundamental para uma eficiente gestão escolar.

Tendo a comunicação como ferramenta indispensável para o funcionamento da escola, bem como o avanço organizacional em um todo, focar nessa área como ferramenta diferente para melhorar a qualidade do processo educacional. Visto que, nesse sentido, ela está relacionada a todos os setores da organização e é o veículo que traz a ferramenta mais importante para que se inicie qualquer estratégia: informação.

Nesse viés, Grave e Mendes (2001), colocam a origem do termo estratégia como uma arte de guiar exércitos a partir de meios calculados que garantiam a superioridade perante o adversário. Do mesmo modo, as empresas precisam estar à frente de seus concorrentes em um mercado altamente conturbado.

No ambiente escolar as estratégias de comunicação são normalmente criadas pela gestão, que dependem de informações de todos os participantes do contexto de formação educacional para sua elaboração, e depois de criadas, as estratégias precisam de meios para se desenvolver e correr. Da mesma maneira, para a execução correta das atividades propostas envolve a comunicação para a transmissão do conhecimento entre os sujeitos. A comunicação é, portanto, o veículo que possibilita a passagem da estratégia por toda a escola. Por isso, deve ser abordada com tal importância. É por meio dela que as atividades são transpassadas e é possível envolver os colaboradores de forma que interajam com o proposto e se adequem às estratégias.

Para Bergeron (1996) apud Frade (2001), gerir essas informações estrategicamente é uma forma de gerenciar pessoas ou grupos para o posicionamento adequado nas ações propostas. Ou seja, é um método que possibilita a passagem com qualidade do que foi decidido, levando ao alcance dos objetivos pretendidos nas instituições.

Choo (1998) fala sobre a importância da informação que deve ser adaptada e manipulada pelas instituições para que se desenvolva qualquer mudança. E é por meio dela, com o uso da comunicação, que o ambiente externo e interno interage, gerando novos dados e utensílios necessários para alcançar metas.

Trabalhar com essa interligação possibilita uma análise holística da escola, o que facilita as escolhas abrangentes que fazem com que a escola melhore seus rendimentos. Esse fato é devido ao que vem de fora e de dentro, as informações passadas aos gestores que abarcam as diversas opiniões sobre o que a escola necessita pedagógica e administrativamente.

Administrar essa ferramenta alinhada aos objetivos organizacionais, segundo um dos modelos propostos por Goodall Jr. e Eisnberg (1997), faz com que a comunicação consiga exercer a função de controle. Nesse sentido, ela atua estrategicamente na passagem dos objetivos diversos que a escola possui. Assim, é possível transmitir aos colaboradores as tarefas necessárias para o alcance das metas.

O gestor escolar, portanto, deve escolher a maneira adequada de comunicar aos funcionários todas as informações pertinentes à organização. Esse controle admite que os envolvidos entendam a mensagens propostas e criem uma imagem de acordo com o que se espera.

Portanto, a comunicação pode ser entendida como um canal de transferência das informações estrategicamente esquematizadas pelos responsáveis. Onde, as decisões estabelecidas escoam e chegam aos seus destinatários. Quando tratamos desse processo, já foi visto que às informações são dados com significado, por isso “a comunicação precisa incluir a transferência e a compreensão de mensagem” (Baccaro, 2009, p. 61). Segundo a autora, uma ideia, e/ou informação, por melhor que seja, é inútil se não for transmitida e compreendida pelo receptor. Assim, estão sujeitos a uma interpretação individual. Dessa maneira, a forma como o indivíduo interpretará o que lhe for passado, será de suma importância para a execução de processos dentro da organização. Segundo Brunetta e Ribeiro (2009) o processo de compreensão e tomada de decisão recebe nos estudos da comunicação o nome de *feedback*, ou seja, a ação que gerou a mensagem após ter sido decodificada pelo receptor. Para as autoras acima citadas, o *feedback* favorece ao emissor apurar os resultados obtidos na transmissão da mensagem, em relação aos seus objetivos iniciais.

Pode-se concluir, portanto, que para que o processo de comunicação interpessoal aconteça de forma satisfatória se faz necessário não somente o entendimento das questões relacionadas anteriormente, mas principalmente da conscientização das pessoas do processo de

recebimento de *feedback* (Brunetta E Ribeiro, 2009, p. 23).

Na visão de Baccaro (2009) existem várias barreiras interpessoais e intrapessoais que ajudam a entender por que uma mensagem decodificada pelo receptor acaba sendo diferente da que o emissor pretendia comunicar. Sendo que a informação interpretada de maneira equivocada pode acarretar a ação incorreta. Por isso, há que se cuidar da maneira como a comunicação é exercida na organização internamente.

Além disso, no ambiente externo a comunicação também é fundamental. As informações passadas aos diferentes atores do sistema educacional e ao meio em geral, devem ser condizentes com os objetivos educacionais, a fim de que a qualidade de ensino e das relações que se estabelecem seja mantida. Por isso, pode-se considerar a informação uma ferramenta de integração nas empresas. É ela que possibilita o vínculo entre os colaboradores, por meio da passagem de ideias que os unem.

Rezende e Abreu (2006) falam sobre a necessidade de gerenciamento e acompanhamento das informações, que são transmitidas por meio da comunicação. E que é por meio desse acompanhamento que se pode atender às necessidades de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

COMUNICAÇÃO INTERNA

Internamente, nas organizações, a comunicação tem um foco para o público que atua diretamente na produção, manutenção ou gerenciamento dos serviços. Para Baccaro (2009, p. 62):

A comunicação que ocorre dentro do grupo de trabalho é sua fonte primária de interação social. A comunicação que ocorre dentro do grupo é um mecanismo fundamental para que seus membros expressem suas frustrações ou sentimentos de satisfação. A comunicação, portanto, fornece o meio para a expressão emocional de sentimentos e de atendimento das necessidades sociais.

Ou seja, é a comunicação que ocorre dentro das instituições. Segundo Baccaro (2009) é por meio da comunicação que a cultura organizacional é transmitida e entendida, como um universo simbólico da organização, que se caracteriza, principalmente, pela transmissão dos valores e metas da organização.

Kunsch (1999) trata a comunicação interna como algo planejado que possui

objetivos claros e interage com a organização e seus colaboradores internos. Já Torquato (2002) coloca como algo cultural que está contido na organização.

Para Marques (1996), a comunicação interna é a união das ações organizacionais que articulam e garantem a continuidade da relação entre os seus membros internos. Além disso, é o que os mantém informados e motivados a continuar trabalhando e buscando atingir os objetivos propostos pelo nível estratégico.

Camara et. al. (2001) trata esse tipo de comunicação como uma estratégia para aproximar e moldar os colaboradores internos. Nesse sentido, eles conhecem as suas vontades, necessidades e podem buscar satisfazê-las, a fim de melhorar as motivações que influenciam na qualidade da produção dos serviços, assim como na visão que os colaboradores têm da empresa.

Como função, Cota (2007) diz que a comunicação interna é a responsável pelas informações transmitidas. Esse processo tem como objetivo passar as vontades do nível decisório, fazendo com que as ideias cheguem aos executores e que esses trabalhem para o alcance das metas propostas. Assim, pode-se entender como a ferramenta que faz com que as pessoas entendam e executem suas funções que foram delegadas por outras pessoas.

Basicamente, pode-se, então, observar, a luz de Torquato (2002), que uma boa comunicação contribui para a formação de um ambiente agradável e propício ao desenvolvimento dos objetivos propostos pela estratégia.

COMUNICAÇÃO EXTERNA

O processo de comunicação externa engloba todas as informações que são desenvolvidas entre a empresa e o ambiente no qual ela se insere. Basicamente, pode-se inferir que são a imagem e a interação pública.

Para Inácio et. al. (2008), o público externo, pode ser considerado como:

- I- Órgãos de comunicação social;
- II- Clientes;
- III- Instituições;
- IV- Comunidades;

- V- Concorrentes
- VI- Entidades fiscais;
- VII- Estado e Governo;
- VIII- Acionistas;
- IX- Fornecedores.

Para Torquato (2002), esse tipo de comunicação é a que relaciona a imagem que a instituição tem com o ambiente em geral.

Assim, o objetivo da comunicação externa é levar ao público de fora da instituição às informações corretas de acordo com o objetivo proposto. Além disso, deve também trazer as respostas desse grupo à organização. Ou seja, trata-se de uma importante ferramenta de interação com a sociedade, no que tange a dar satisfação, conhecer os desejos e escutar as demandas.

Hoje em dia, esse processo é muito relacionado ao setor de marketing das organizações, pois trata diretamente com a manipulação de mensagens e imagens da empresa para com um público específico.

INTRODUÇÃO A SOCIOLINGÜÍSTICA

Segundo Silva e Estevam (2009), não se pode falar em linguagem sem relacioná-la com a sociedade, pois o vínculo que existe entre elas é a base que se constitui o ser humano.

Cada língua é o produto de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador. Estudar uma língua é, portanto, uma abordagem indireta a este complexo de matérias. Desta maneira, a diversidade das línguas depende da diversidade dos cérebros e órgãos dos homens, de acordo com as suas raças. E a língua é associada à raça de maneira indissolúvel. Ela é o critério mais adequado para se proceder à classificação racial da humanidade (Bentes, 2004, p. 22).

Entende-se que em cada período histórico, vão se formando maneiras próprias para tratar o fenômeno linguístico, tendo diferentes formas de vê-lo e analisá-lo. Segundo Marcuchi (2008) apud Pessoa (2014) sabemos que as línguas são empregadas no dia a dia das mais variadas maneiras e não de forma rígida.

A linguística é a ciência responsável pelo estudo em torno do fator da língua, o que inclui os processos de variação linguística. “Em outras palavras, essa ciência

correlaciona as variações existentes na expressão verbal às diferenças de natureza social e geográfica, entendendo o domínio linguístico e social como fenômenos estruturados regulares” (Pessoa, 2014, p. 20).

Silva e Estevam (2009) afirmam que toda língua possui variações e, por isso, não é homogênea. Isso quer dizer que, a heterogeneidade da língua é inerente à própria língua, sendo resultado de variações que ocorrem sistematicamente a partir de fatores sociais e linguísticos. Em outras palavras, “as variações linguísticas são heranças históricas que passam de geração para geração” (Silva; Estevam, 2009, p. 17). Ademais, todas as manifestações da linguagem humana, de qualquer época, constituem matéria de estudo da linguística.

O consensual entre os estudiosos da língua que foram selecionados para este estudo é o fato de que as línguas naturais mudam no curso do tempo.

Então, atualmente, quando se fala em variação linguística, logo se associa com a sociolinguística, que se ocupa em estudar a heterogeneidade da língua falada.

A sociolinguística é o estudo da área da variação linguística dentro de uma determinada sociedade, as variedades que circulam nesse meio social. Segundo Silva e Estevam (2009), a sociolinguística é uma área de estudo que deve demonstrar a covariação sistemática de variações linguísticas e sociais. Ou seja, relacionar as diferentes variações linguísticas que são observadas de uma comunidade com as diferenças existentes na estrutura social desta mesma sociedade. De todo modo, entende-se que a sociolinguística é a área da linguística que estuda a língua em seu uso prático, efetivo e cotidiano.

Vale frisar que toda comunidade linguística é formada por pessoas que interagem verbalmente e que possuem um mesmo sistema de regras quanto ao uso linguístico da palavra.

O objetivo de estudo da sociolinguística, na visão de Silva e Estevam (2009) é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações realmente vivenciadas. Nessa corrente de pensamento, a língua é entendida como uma instituição social e, portanto, deve ser estudada em sua estrutura.

Para a linguística, nenhuma língua é inferior a outras, pois toda ela é adequada, é um meio para representar o mundo físico e simbólico em que pessoas vivem.

No Brasil, de uma mesma cidade, bairro, rua, escola, a língua pode ser falada de várias maneiras.

As variações da língua são relacionadas a diversos fatores como:

A - A faixa etária: palavras que variam ao longo das gerações, cada idade possui uma especificidade em sua fala. Um jovem de 18 anos não usa os mesmos termos que um homem de 40 anos, pois a língua se transforma com o tempo.

B - Gênero: homens e mulheres falam de maneiras distintas, de acordo com os padrões sociais que lhes são culturalmente condicionados.

C - Status socioeconômico: desigualdade na distribuição de bens materiais e culturais, que reflete em diferenças sociolinguísticas. Na maioria das vezes pessoas de status econômico mais baixo possui uma linguagem mais coloquial do que quem status mais alto.

D - Grau de escolaridade: anos de escolarização e qualidade da escola que frequentou.

E - Mercado de trabalho: cargo ou atividade que um indivíduo desempenha dentro de seu trabalho.

F - Rede social: pessoas com quem convivemos e interagimos no nosso dia-a-dia. A variação linguística, portanto, é resultado das interações sociais (Silva; Estevam, 2009, p. 17).

Todos os fatores citados contribuem para tornar o estudo da língua portuguesa ainda mais complexo.

Sabemos que a língua padrão do Brasil é o português, mas existem variações. E, essa variedade linguística deve ser respeitada, pois “toda variedade linguística atende às necessidades comunicacionais dos indivíduos que a utilizam” (Pessoa, 2014).

Toda e qualquer variedade linguística plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, é um meio eficiente de manutenção da coesão social da comunidade que é empregada (Pessoa, 2014, p. 26).

Dispõe Bagno (2007), no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse, apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade. Não só devido à extensão territorial, mas, principalmente, por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda do mundo.

E, optando por tratar, neste estudo, somente de teorias variacionistas, deve-se considerar que a variação linguística pode chegar até o nível de indivíduo. Esse mesmo encontra seus próprios limites de contato com os falantes.

Na visão dos autores acima citados, as relações entre variedade linguística e estrutura social coexistem dentro das relações sociais que são estabelecidas na estrutura sociopolítica da comunidade. Para estes, as fronteiras sociais delimitam atitudes linguísticas.

E, como a educação ainda é privilégio de poucos em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta.

Existem vários estilos de variações linguísticas e em diversas situações, e os nomes mais dados a esses estilos não são muito bem definidos, mas podemos citar alguns: coloquial, formal, informal, familiar e pessoal. Segundo Pessoa (2014, p. 28), “é tarefa de a sociolinguística estudar as regras variáveis, para possibilitar o conhecimento do estado atual e real da língua”.

Por existir variações linguísticas no país, é necessário que a escola e as demais instituições sociais voltadas à educação e cultura- abandonem o mito da unidade do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística para melhor planejarem suas políticas de ação amplamente marginalizadas na língua padrão.

Segundo Bagno (2007), o reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente fato comprovado. Que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira língua estrangeira para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais, onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português denominado informal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo globalizado a competitividade tem levado as escolas a se reorganizarem e inovarem na produção de novos métodos de ensino-aprendizagem.

Este estudo cumpriu seu objetivo inicial de investigar como o estudo da variedade linguística se processa na EEEFM Professora Regina Banhos Paixão, localizada em Linhares – ES, na modalidade dos anos finais do ensino fundamental.

Os professores revelaram que sempre trabalham atividades de leitura e escrita, no entanto, as atividades que consideram o falar e o escutar têm deixado a desejar.

Ficou evidente, que a EEEFM Professora Regina Banhos Paixão, tem avançado em vários aspectos do estudo da variação linguística, dentre os quais a concepção de sua função social, que, de instituidora do saber, aperfeiçoou-se para o trabalho de completude do ser humano, voltado para as relações intra e interpessoais. No entanto, o ensino da língua deve mudar romper barreiras com dogmas normativos, que ainda dominam a maneira de ensinar a Língua Portuguesa.

Os professores devem buscar redirecionar seus esforços para descobrir novas maneiras que permitam fazer dos alunos bons usuários da Língua Portuguesa, reconhecendo suas variações.

Diante das dificuldades e empecilhos encontrados pelos professores, no que tange ao ensino das variantes linguísticas, incentivo e debate sobre o preconceito e a valorização da diversidade linguística do país. O estudo aponta que a melhor estratégia de trabalho é por meio de projetos, uma vez que as estruturas das organizações por meio de projetos vão se alinhar aos objetivos estratégicos do processo de ensino-aprendizagem. Sendo que, o educador deve conduzir o planejamento de todas as atividades antes de sua execução e, ao longo dos processos, controlar as atividades enquanto são executadas a fim de garantir o sucesso dos resultados e atingir os objetivos propostos no projeto.

REFERÊNCIAS

- BACCARO, T. A. **Comunicação, clima e cultura organizacional**: RH. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.
- BENTES, A. C. **Introdução à linguística**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 21-76.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília, DF, 1998. 106 p.

BRUNETTA, N. RIBEIRO, R. **Relações Interpessoais: recursos humanos**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

GARCIA-REIS, A. R.; MARCONDES, G. S. Diversidade Linguística e o Processo Ensino-Aprendizagem. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, Juiz de Fora, n.4, p. 1-10, jan/jun. 2008.

GRAVE, Maria Aparecida; MENDES, João Batista. *Estratégia empresarial: conceitos e aplicações*. São Paulo: Atlas, 2001.

MARQUES, R. **Comunicação Interna**. São Paulo: Editora Abril, 1996.

MATOS, I. A. de. Diversidade Linguística e Ensino de Português. In: Encontro Línguas no Espaço Europeu: novos desafios para professores de línguas, 2004, Viseu, Portugal. **Anais**. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu, 2004. p. 24-29.

MELO, Dr^a C. T. de; CORDEIRO, Maria Sirleidy de Lima. Diversidade Linguística no Ensino de Língua Portuguesa na Educação do Campo. In: Fórum Internacional de Pedagogia, IV., 2012, Parnaíba-PI. **Anais**. Campina Grande: REALIZE Editora, 2012. 14 p.

PESSOA, E. A. S. **O tratamento da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa. UFPB. 2014.

PESSOA, M. do S. O Ensino de Língua Portuguesa para a Pluralidade Linguística e Cultural. In: Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa, II., 2009, Évora, Portugal. **Anais**. Évora: Universidade de Évora, 2009. cad. 40. p. 61-81.

SILVA, F. E. da. ESTEVAM, T. de C. **Variação linguística na sala de aula: uma proposta de análise por meio de textos dissertativos** / Franciele Evaristo da Silva, Tatiane de Cássia Estevam. Bebedouro: Fafibe, 2009.

TORQUATO, G. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.